

## **HOMOFOBIA INTERNALIZADA: IDENTIFICANDO AS ESTRATÉGIAS DE ADAPTAÇÃO DO SUJEITO NO CAMPO**

### **INTERNALIZED HOMOPHOBIA: IDENTIFYING THE SUBJECT'S ADAPTATION STRATEGIES IN THE FIELD**

Lívia Barbosa Pacheco Souza<sup>1</sup>

#### **Resumo**

A compreensão aprofundada das questões relacionadas à homofobia internalizada, heteronormatividade, representatividade LGBTQIAP+, autocuidado e saúde mental é fundamental para promover a inclusão, a igualdade e o bem-estar dos indivíduos LGBTQIAP+ no campo. Dessa forma, o presente artigo abordou a temática da homofobia internalizada, impactos da heteronormatividade e falta de referência e representatividade enfrentados pelos indivíduos LGBTQIAP+ no campo. Discutiu-se a necessidade de enfrentar o conservadorismo, fortalecer o autocuidado e a saúde mental, buscar comunidade e apoio, além de considerações finais e perspectivas futuras. O trabalho também destaca a importância de promover a conscientização, educação e visibilidade LGBTQIAP+, bem como a criação de espaços seguros, ampliação da representatividade e apoio emocional para construir uma sociedade rural mais inclusiva e igualitária.

**Palavras-chave:** Homofobia Internalizada; Heteronormatividade; Representatividade LGBTQIAP+; Autocuidado e Saúde Mental.

#### **Abstract**

An in-depth understanding of issues related to internalized homophobia, heteronormativity, LGBTQIAP+ representation, self-care, and mental health is critical to promoting the inclusion, equality, and well-being of LGBTQIAP+ individuals in the field. Thus, this article addressed the theme of internalized homophobia, impacts of heteronormativity, and lack of reference and representation faced by LGBTQIAP+ individuals in the field. The need to confront conservatism, strengthen self-care and mental health, seek community and support, as well as final considerations and future perspectives were discussed. The work also highlights the importance of promoting LGBTQIAP+ awareness, education, and visibility, as well as the creation of safe spaces, increased representation, and emotional support to build a more inclusive and egalitarian rural society.

**Keywords:** Internalized Homophobia; Heteronormativity; LGBTQIAP+ Representation; Self-care and Mental Health.

## **1. INTRODUÇÃO**

A dissexualização do sexo, que se manifesta na imposição da heteronormatividade e da virilidade como padrões sociais dominantes, tem gerado uma série de desafios para os indivíduos LGBTQIAP+. Aqueles que não se encaixam nesses moldes encontram-se frequentemente em uma posição de estagnação, confrontando estereótipos como o do “macho bruto, cachaça e mulhereço”. Além disso, a falta de referência e representatividade positiva contribui para a perpetuação de preconceitos, com a homossexualidade sendo frequentemente abordada de maneira pejorativa, através de piadas e alfinetadas provenientes da família, amigos e da própria sociedade (Nascimento, 2010).

Diante desse contexto, muitos indivíduos LGBTQIAP+ sentem a necessidade de fingir que não fazem parte dessa comunidade, temendo o conservadorismo e as possíveis consequências negativas que podem advir dessa revelação. No entanto, é importante destacar a importância de fortalecer o aspecto psicológico para que esses indivíduos possam se descobrir, se assumir e evitar o desenvolvimento de quadros depressivos. A negação de sua própria identidade pode causar danos psicológicos significativos, tornando fundamental o apoio emocional e o empoderamento individual.

Nos contextos rurais, esse quadro se agrava ainda mais. O êxodo rural tem sido uma realidade para muitos sujeitos LGBTQIAP+, uma vez que o meio rural muitas vezes não reconhece ou enxerga esses

1

<sup>1</sup> Pedagoga pela UNEB; Psicopedagoga Institucional e Clínica pela Faculdade Iguazu; Especialista em Educação em Gênero e Direitos Humanos pelo NEIM UFBA; Especialista em Gênero e Sexualidade na Educação pelo NUCUS UFBA; Especialista em Educação para as Relações Étnico-Raciais pela UNIAFRO UNILAB. E-mail: adm.liviapacheco@gmail.com - Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3148-5536>

indivíduos como parte integrante desse ambiente (Magalhães, 2017). A falta de ação e respeito à diversidade nesses locais cria um ambiente hostil, dificultando a autoidentificação e a busca por apoio. Essa falta de acolhimento no campo tem levado muitos indivíduos a abandonarem suas raízes em busca de espaços mais inclusivos e abertos à diversidade.

Adicionalmente, a música sertaneja tem se destacado como uma base de resistência e empoderamento para a comunidade LGBTQIAP+. O movimento “Queernejó”, por exemplo, tem ganhado força, trazendo a presença LGBT para o cenário musical sertanejo, que historicamente foi marcado por uma cultura conservadora. Essa expressão artística tem sido fundamental para desafiar estereótipos, promover a visibilidade e combater a homofobia internalizada.

No entanto, é importante ressaltar que a violência contra a comunidade LGBTQIAP+ no campo continua sendo alarmante. De acordo com o Dossiê de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil, indivíduos LGBTQIAP+ que vivem nessas áreas encontram-se em condições de vulnerabilidade agravada devido à sua orientação sexual e identidade de gênero (Resende, 2016). O contexto conservador do campo dificulta a autoidentificação e cria um ambiente propício para a perpetuação de preconceitos, tabus e falta de espaços de convivência e vida noturna voltados para a comunidade LGBTQIAP+.

Diante dessas realidades, muitos indivíduos LGBTQIAP+ se veem diante de escolhas difíceis: sair do campo, viver no armário ou buscar se juntar a outras pessoas LGBTQIAP+ em busca de formas de superar os preconceitos e desafiar as normas sociais vigentes. É fundamental que a sociedade como um todo se engaje na luta pela igualdade e pelo respeito à diversidade, criando espaços seguros e inclusivos para que todos os indivíduos possam viver plenamente, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero. Nesse contexto, o presente artigo tem por objetivo propor uma reflexão sobre os aspectos que caracterizam essa realidade, bem como as implicações psicossociais desse processo de internalização.

## 2. DESENVOLVIMENTO

### 2.1 Homofobia internalizada

Segundo Cerqueira-Santos et al (2017), a homofobia internalizada é um fenômeno complexo que afeta muitos indivíduos LGBTQIAP+, inclusive aqueles que vivem no campo. A homofobia internalizada ocorre quando pessoas que pertencem à comunidade LGBTQIAP+ internalizam e adotam atitudes e crenças negativas sobre sua própria sexualidade ou identidade de gênero. No contexto rural, onde as normas sociais conservadoras e estereótipos tradicionais são prevalentes, a homofobia internalizada pode ser especialmente impactante.

A pressão social e a falta de aceitação podem levar à negação da própria identidade pelos indivíduos LGBTQIAP+ no campo. Muitos se sentem compelidos a esconder sua orientação sexual ou identidade de gênero por medo de rejeição, isolamento ou violência. Essa negação pode resultar em um conflito interno intenso, prejudicando a autoestima, a autenticidade e a saúde mental desses indivíduos.

A homofobia internalizada também está associada à adoção de estratégias de adaptação para se encaixar nos padrões heteronormativos e de virilidade impostos pela sociedade. Indivíduos LGBTQIAP+ podem sentir-se pressionados a adotar comportamentos estereotipados para se sentirem aceitos e evitar o estigma associado à sua orientação sexual ou identidade de gênero. Essas estratégias de adaptação podem variar desde a negação completa da identidade até a tentativa de suprimir traços considerados não conformes com as normas vigentes (Paveltchuk & Borsa, 2019).

A homofobia internalizada no campo é influenciada pela falta de referência e representatividade positiva. A ausência de modelos inspiradores que reflitam a diversidade da experiência LGBTQIAP+ no contexto rural contribui para a perpetuação de estereótipos e preconceitos. A falta de representatividade também dificulta o processo de autoidentificação e aceitação, uma vez que os indivíduos LGBTQIAP+ podem se sentir isolados e sem exemplos de pessoas que vivam suas vidas de maneira autêntica.

É fundamental reconhecer os impactos emocionais e psicológicos da homofobia internalizada no bem-estar dos indivíduos LGBTQIAP+ no campo. O medo da rejeição, a necessidade de esconder a identidade e a constante preocupação com a percepção dos outros podem levar a altos níveis de estresse, ansiedade e até mesmo depressão. O enfrentamento da homofobia internalizada requer um processo de autorreflexão, aceitação e construção de uma identidade positiva (Antunes, 2017).

Para combater a homofobia internalizada, é crucial promover a educação, a conscientização e o diálogo aberto no campo. É preciso criar espaços seguros e inclusivos onde os indivíduos LGBTQIAP+ possam se

expressar livremente, compartilhar suas histórias e se apoiar mutuamente. O fortalecimento da autoestima e da resiliência emocional por meio do acesso a recursos, como grupos de apoio, terapia e literatura LGBTQIAP+, também desempenha um papel fundamental na superação da homofobia internalizada.

## 2.2 Impactos da heteronormatividade e da virilidade

A heteronormatividade e a imposição de padrões de virilidade têm um impacto significativo nos indivíduos LGBTQIAP+ no campo. Segundo Pereira et al (2022), a heteronormatividade é um sistema de crenças que pressupõe que a heterossexualidade é a única orientação sexual “normal” e esperada, enquanto a virilidade está associada a traços estereotipados de masculinidade, como força, agressividade e promiscuidade sexual. Esses padrões estabelecem normas sociais rígidas que excluem e marginalizam aqueles que não se enquadram nessas expectativas, causando danos emocionais e psicológicos.

Nesse contexto, os indivíduos LGBTQIAP+ no campo podem enfrentar pressões para se conformarem à heteronormatividade e à virilidade como uma forma de evitar a discriminação e o estigma social. A necessidade de se adaptar aos papéis tradicionais de gênero pode levar ao desenvolvimento de uma identidade falsa, onde os indivíduos ocultam ou reprimem sua verdadeira orientação sexual ou identidade de gênero. Essa negação da autenticidade pode levar à perda de autoestima, conflito interno e sentimentos de inadequação.

A imposição de padrões de virilidade no contexto rural pode ser particularmente prejudicial para os indivíduos LGBTQIAP+. O estereótipo do “macho bruto, cachaça e mulhereço” prevalecente no campo cria uma pressão significativa para que os homens se conformem a esse ideal de masculinidade. Aqueles que não se encaixam nesses estereótipos podem enfrentar ostracismo, intimidação e até mesmo violência física, o que contribui para o silenciamento e a negação da própria identidade (Medeiros, 2017).

A expectativa de virilidade também pode impactar as mulheres LGBTQIAP+ no campo. Elas podem ser invisibilizadas ou desvalorizadas, uma vez que a heteronormatividade frequentemente as relega a papéis tradicionais de gênero, como esposas e mães. A pressão para se conformarem a esses papéis pode limitar suas opções de vida e restringir sua liberdade de expressão e autodeterminação.

A imposição da heteronormatividade e da virilidade no campo também afeta as relações interpessoais e o senso de comunidade. Os indivíduos LGBTQIAP+ podem enfrentar dificuldades para se conectar com outras pessoas e formar relacionamentos autênticos devido ao medo da rejeição ou à necessidade de esconder sua identidade. Isso pode resultar em isolamento social e sentimentos de solidão, agravando os impactos negativos na saúde mental e no bem-estar geral.

Para Rodrigues (2017), desafiar a heteronormatividade e desconstruir os padrões de virilidade é essencial para criar um ambiente mais inclusivo e acolhedor para os indivíduos LGBTQIAP+ no campo. É importante promover a diversidade de orientações sexuais e identidades de gênero, educar as comunidades rurais sobre a existência e a validade dessas experiências e incentivar a aceitação e o respeito mútuo. A desconstrução desses padrões destrutivos abre espaço para uma maior expressão e aceitação das diversas identidades presentes no campo.

## 2.3 Falta de referência e representatividade

A falta de referência e representatividade, por sua vez, é um desafio significativo enfrentado pelos indivíduos LGBTQIAP+ no campo. A ausência de modelos positivos e inspiradores que reflitam suas experiências e identidades pode levar à invisibilidade e à marginalização desses sujeitos. A falta de referência dificulta o processo de autoidentificação e aceitação, uma vez que os indivíduos LGBTQIAP+ podem sentir-se isolados e sem exemplos de pessoas que vivam suas vidas de maneira autêntica (Flores, 2019).

A falta de representatividade também contribui para a perpetuação de estereótipos negativos e preconceitos. Quando a homossexualidade e outras identidades LGBTQIAP+ são retratadas apenas de maneira pejorativa ou como motivo de piadas, isso reforça a noção de que essas identidades são inferiores ou anormais. A falta de representatividade positiva gera um ciclo prejudicial de estigmatização, dificultando a aceitação e o respeito pela diversidade sexual e de gênero no campo.

Nesse sentido, a ausência de referência e representatividade pode levar à solidão e à sensação de ser um “outsider” na própria comunidade (Gomes *et al.*, 2020). Os indivíduos LGBTQIAP+ no campo muitas vezes se sentem isolados, sem ter pessoas com quem se identificar ou compartilhar suas experiências. A falta de conexão com outros membros da comunidade LGBTQIAP+ pode agravar os sentimentos de alienação e dificultar a formação de laços sociais fortes.

A representatividade positiva é crucial para a construção de uma sociedade inclusiva e acolhedora. A presença de figuras LGBTQIAP+ visíveis e bem-sucedidas no campo pode desafiar estereótipos, promover a diversidade e encorajar outros indivíduos a se assumirem e a viverem suas vidas autenticamente. A representatividade oferece modelos inspiradores que ajudam a quebrar barreiras, combater a homofobia internalizada e criar um senso de pertencimento.

A falta de referência e representatividade afeta não apenas os indivíduos LGBTQIAP+ no campo, mas também sua saúde mental e emocional. A falta de modelos positivos e histórias de sucesso pode contribuir para sentimentos de inadequação, baixa autoestima e solidão. A exposição contínua a estereótipos negativos sem contrapartidas positivas pode resultar em um impacto significativo no bem-estar psicológico desses indivíduos (Antunes, 2017).

Dessa forma, é essencial trabalhar para aumentar a representatividade e a visibilidade da comunidade LGBTQIAP+ no campo. Isso pode ser alcançado por meio de campanhas de conscientização, programas de educação inclusiva e promoção de espaços seguros e acolhedores para a expressão das diversas identidades presentes no campo. A criação de oportunidades para que os indivíduos LGBTQIAP+ compartilhem suas histórias e experiências é fundamental para a construção de uma sociedade rural mais inclusiva, onde todos possam se sentir representados, respeitados e valorizados.

## 2.4 Enfrentando o conservadorismo

O conservadorismo predominante no campo representa um desafio significativo para os indivíduos LGBTQIAP+. O conservadorismo muitas vezes está enraizado em normas sociais tradicionais, crenças religiosas rígidas e falta de familiaridade com a diversidade de orientações sexuais e identidades de gênero. Diante desse contexto, os indivíduos LGBTQIAP+ podem enfrentar estigmatização, discriminação e exclusão social, o que os leva a esconder ou negar sua verdadeira identidade (Araújo *et al.*, 2020).

Enfrentar o conservadorismo no campo implica superar o medo da rejeição e a necessidade de preservar a segurança pessoal. Os indivíduos LGBTQIAP+ muitas vezes se veem em situações em que precisam decidir se devem se assumir e enfrentar as possíveis consequências negativas, ou se devem permanecer no armário e esconder sua identidade para evitar conflitos ou retaliação. Essa decisão é pessoal e complexa, e requer coragem e apoio para ser tomada.

Uma estratégia importante para combater o conservadorismo no campo é buscar comunidades e redes de apoio. De acordo com Machado (2018), a conexão com outras pessoas LGBTQIAP+ pode oferecer um espaço seguro para compartilhar experiências, buscar orientação e fortalecer o senso de identidade. Essas comunidades podem ser encontradas em organizações locais, grupos de apoio ou por meio de redes online, proporcionando um senso de pertencimento e solidariedade.

Nesse sentido, a educação e a conscientização são essenciais promover a inclusão no campo. É importante fornecer informações precisas e atualizadas sobre orientações sexuais, identidades de gênero e os desafios enfrentados pelos indivíduos LGBTQIAP+. A conscientização sobre a diversidade humana e os direitos LGBTQIAP+ pode ajudar a desafiar estereótipos e preconceitos arraigados, promovendo um ambiente mais acolhedor e respeitoso.

A visibilidade e a representatividade também desempenham um papel crucial no enfrentamento do conservadorismo. Mostrar exemplos positivos de indivíduos LGBTQIAP+ bem-sucedidos e felizes no campo pode desconstruir estereótipos negativos e desafiar as narrativas conservadoras (Freitas, 2018). A presença de figuras inspiradoras e modelos de sucesso pode encorajar outros indivíduos a se assumirem e a viverem suas vidas autenticamente, construindo um ambiente mais inclusivo para todos.

Em suma, a mudança cultural e social é um processo gradual, mas necessário para enfrentar o conservadorismo no campo. Isso requer o engajamento e a colaboração de diversas partes da sociedade, incluindo líderes comunitários, educadores, profissionais de saúde, religiosos e a própria comunidade LGBTQIAP+. Promover o diálogo aberto, fomentar a empatia e trabalhar para dismantelar estereótipos e preconceitos arraigados são passos importantes para criar uma sociedade rural mais inclusiva e igualitária.

4

## 2.5 Autocuidado e saúde mental

O autocuidado e a saúde mental desempenham um papel crucial no bem-estar dos indivíduos LGBTQIAP+ no campo. Lidar com a homofobia internalizada, o conservadorismo e a falta de aceitação pode ser emocionalmente desafiador, tornando o autocuidado uma necessidade vital. Isso envolve dedicar tempo e

esforço para cuidar de si mesmo física, emocional e psicologicamente (Baére & Zanello, 2022).

O autocuidado para os indivíduos LGBTQIAP+ no campo inclui a adoção de estratégias que promovam o fortalecimento e a resiliência emocional. Isso pode envolver a busca de apoio profissional, como terapia ou aconselhamento, para lidar com as questões emocionais relacionadas à identidade, estresse e ansiedade. O autocuidado também pode incluir a prática de atividades que tragam prazer e relaxamento, como hobbies, exercícios físicos, meditação ou outras formas de cuidado individual.

A autodescoberta e a aceitação da própria identidade são partes fundamentais do autocuidado para os indivíduos LGBTQIAP+ no campo. Isso pode envolver um processo de autorreflexão, educação e conexão com outras pessoas que compartilham experiências semelhantes. À medida que os indivíduos se conhecem melhor e se aceitam, torna-se possível cultivar uma autoestima positiva e uma visão mais compassiva de si mesmo (Belarmino *et al.*, 2022).

Dessa forma, é importante reconhecer os sinais de alerta de problemas de saúde mental e buscar ajuda quando necessário. O estresse, a pressão e o estigma podem contribuir para o desenvolvimento de condições como a depressão e a ansiedade. Portanto, é fundamental estar atento aos sinais de que algo não está bem, como mudanças de humor, isolamento social, falta de prazer nas atividades diárias ou dificuldades de concentração, e buscar apoio de profissionais de saúde qualificados.

Além do cuidado individual, a construção de redes de apoio e relacionamentos significativos é essencial para a saúde mental dos indivíduos LGBTQIAP+ no campo. Buscar conexões com outras pessoas LGBTQIAP+ pode proporcionar um senso de comunidade, pertencimento e apoio mútuo. Isso pode ser feito através de grupos de apoio, eventos comunitários ou plataformas online dedicadas a promover o apoio emocional.

O autocuidado também deve incluir a defesa de direitos e a participação ativa na criação de ambientes mais inclusivos e igualitários. Isso pode envolver o engajamento em atividades de ativismo, como a participação em movimentos LGBTQIAP+ ou na defesa de políticas e legislações que promovam a igualdade de direitos (Gomes *et al.*, 2020). Ao lutar pela justiça social, os indivíduos LGBTQIAP+ no campo fortalecem sua própria resiliência e contribuem para a melhoria da saúde mental e bem-estar de toda a comunidade.

## 2.6 A busca por comunidade e apoio

Schulman (2012) afirma que a busca por comunidade e apoio é um aspecto crucial para os indivíduos LGBTQIAP+ no campo. Encontrar um senso de pertencimento e conexão com outras pessoas que compartilham experiências semelhantes pode ser transformador. A comunidade oferece um espaço seguro para compartilhar histórias, desafios e conquistas, além de fornecer apoio emocional e validação.

A conexão com outras pessoas LGBTQIAP+ no campo pode ser encontrada por meio de grupos de apoio, organizações locais, eventos comunitários e plataformas online. Esses espaços oferecem oportunidades para trocas de experiências, conselhos, recursos e informações relevantes. A conexão com a comunidade também pode ajudar a reduzir o sentimento de isolamento e solidão, promovendo um ambiente de suporte mútuo.

Além da comunidade LGBTQIAP+, é importante buscar apoio de aliados, amigos e familiares que sejam compreensivos e solidários. Ter um sistema de apoio não exclusivo da comunidade LGBTQIAP+ pode ser uma fonte adicional de suporte emocional e prático. O apoio de pessoas próximas pode ajudar a fortalecer a autoestima, fornecer orientação e criar um ambiente de aceitação dentro do contexto pessoal (Siqueira, 2015).

A busca por comunidade e apoio também pode envolver a participação em eventos e atividades que promovam a visibilidade e a inclusão LGBTQIAP+ no campo. Participar de marchas, paradas, festivais e outras celebrações é uma forma de se conectar com outros indivíduos LGBTQIAP+, construir laços sociais e fortalecer o sentimento de orgulho e pertencimento.

É importante lembrar que, às vezes, a busca por comunidade e apoio pode envolver a superação de obstáculos e desafios. Em áreas rurais mais conservadoras, pode ser necessário lidar com a falta de recursos específicos para a comunidade LGBTQIAP+. No entanto, é possível encontrar maneiras criativas de se conectar, como o estabelecimento de grupos de apoio locais, parcerias com organizações urbanas ou a participação em redes online (Fachini, 2012).

A busca por comunidade e apoio é um processo contínuo e pessoal. À medida que os indivíduos LGBTQIAP+ no campo se descobrem e exploram sua identidade, pode ser útil experimentar diferentes formas de conexão e apoio até encontrar aquelas que sejam mais significativas e enriquecedoras (Machado, 2018). A comunidade e o apoio mútuo são fundamentais para a resiliência, a autoaceitação e a capacidade de enfrentar os desafios e lutar por uma sociedade mais inclusiva.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS E PERSPECTIVAS FUTURAS

As discussões em torno da homofobia internalizada, dos impactos da heteronormatividade e da falta de referência e representatividade para os indivíduos LGBTQIAP+ no campo destacam a necessidade urgente de promover a igualdade, inclusão e respeito. Superar esses desafios exige ações coletivas e individuais. É essencial continuar fortalecendo a conscientização, a educação e a visibilidade LGBTQIAP+ nas comunidades rurais, criando espaços seguros, ampliando a representatividade e apoiando o autocuidado e a saúde mental das pessoas LGBTQIAP+.

Além disso, é importante quebrar os estigmas e preconceitos associados à diversidade sexual e de gênero no campo, incentivando o diálogo aberto e a construção de pontes de entendimento entre pessoas de diferentes orientações sexuais, identidades de gênero e contextos culturais. A conscientização sobre as lutas e desafios enfrentados pelos indivíduos LGBTQIAP+ no campo é fundamental para a criação de uma sociedade mais inclusiva, justa e igualitária, onde todos possam viver e expressar sua verdadeira identidade sem medo de discriminação ou exclusão.

Para o futuro, é crucial continuar fortalecendo as redes de apoio e as comunidades LGBTQIAP+ no campo, promovendo a conexão entre os indivíduos, compartilhando experiências e buscando soluções conjuntas. Além disso, é necessário que líderes comunitários, governos, instituições educacionais e profissionais de saúde se engajem ativamente na criação de políticas inclusivas, programas de apoio e serviços adequados às necessidades dos indivíduos LGBTQIAP+ no campo. Somente através do esforço coletivo e da luta contínua é que será possível garantir um futuro mais igualitário, respeitoso e acolhedor para todas as pessoas, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero.

### REFERÊNCIAS

Antunes, P. P. S. 2017. Homens homossexuais, envelhecimento e homofobia internalizada. **Revista Kairós-Gerontologia**, 20(1), 311–335.

Araújo, R. A., Pereira, L. K. A., Araújo, G. G. & Quirino, G. S. 2020. Políticas públicas em gênero e sexualidade na educação e conservadorismo no contexto político brasileiro. **Brazilian Journal of Development**, v. 6 (5): 30198-30211.

Baére, F. & Zanello, V. 2022. Trajetórias de lésbicas e gays no ativismo: representatividades gendradas que impactam o bem-estar e a saúde mental. **Revista Ártemis**, v. 33 (1): 241-262.

Belarmino, V., Dimenstein, M. & Leite, J. 2022. Saúde Mental de Homens Gays na Pandemia. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 14 (4): 153-166.

Cerqueira-Santos, E., Carvalho, C. A. S. G., Nunes, L. M. & Silveira, A. P. 2017. Homofobia Internalizada e Religiosidade entre Casais Homoafetivos. **Temas em Psicologia**, v. 25 (2): 691-702.

Facchini, R. 2012. Entre compassos e descompassos: um olhar para o “campo” e para a “arena” do movimento LGBT brasileiro. **Bagoas**, v. 3 (4).

Flores, C. C. **Irenes Ausentes: um estudo sobre a baixa representatividade do idoso gay**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - Tese de Doutorado. Porto Alegre - RS, 2019.

6

Freitas, L. R. **Da homofobia sem homofóbicos à criminalização contra a comunidade LGBT: opressões que atravessam o livre exercício da sexualidade**. Universidade Federal de Ouro Preto - Trabalho de Conclusão de Curso. Mariana - MG, 2018.

Gomes, H. V., Araújo, L. F., Trevia-Salgado, A. G. A., Jesus, L. A., Silva-Fonseca, L. K. & Alves, S. M. E. 2020. Envelhecimento de homens gays brasileiros: Representações Sociais acerca da velhice LGBT. **Psicologica**, v. 63 (1): 45-64.

Machado, M. D. C. 2018. **Religião, Direitos Humanos e Conservadorismo moral no Brasil contemporâ-**



Magalhães, P. M. M. **Terra, amor e existência: sobre a atuação do coletivo LGBT do movimento dos trabalhadores rurais sem terra.** Universidade de Brasília - Trabalho de Conclusão de Curso. Brasília, 2017.

Medeiros, E. S. 2017. De “não curto afeminado nem pra amizade” a “por que tantos heteronormativos?”: masculinidades e discursos dominantes e táticos nas fachadas do Grindr. **Revista Artemis**, v. 23 (1).

Nascimento, M. A. N. 2010. Homofobia e homofobia interiorizada: produções subjetivas de controle heteronormativo? **Athenea Digital: revista de pensamento e investigação social**, n. 17: 227-239.

Paveltchuk, F. O. & Borsa, J. C. 2019. **Homofobia internalizada, conectividade comunitária e saúde mental em uma amostra de indivíduos LGB brasileiros.** Av. Psicol. Latinoam, v. 37 (1).

Pereira, A. D., Anjos, K. M. B. & Lima, W. E. 2022. A heteronormatividade em escolas de Santana, Amapá: impactos nas vidas de estudantes LGBTQIA+. **Revista Cocar**, v. 16 (34): 1-22.

Resende, L. S. **Homofobia e violência contra população LGBT no brasil: uma revisão narrativa.** Universidade de Brasília - Trabalho de Conclusão de Curso. Brasília, 2016.

Rodrigues, L. **Assédio moral, preconceito e heteronormatividade nas relações de vida e trabalho: história de vida de um servidor público homossexual masculino.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Trabalho de Conclusão de Curso. Porto Alegre - RS, 2017.

Schulman, S. 2012. **Homofobia familiar: uma experiência em busca de reconhecimento.** v. 4 (5).

Siqueira, V. V. S. B. **Comunidade LGBT: um levantamento das estratégias de interação entre empresas e a comunidade LGBT.** Universidade de Brasília - Trabalho de Conclusão de Curso. Brasília - DF, 2015.